

# Literatura e circulação de informação sobre mulheres negras em *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo

Bianca Santana\*

## Resumo:

A proposta deste artigo<sup>1</sup> é tecer algumas considerações sobre a memória das mulheres negras presente em *Becos da Memória*, primeiro livro escrito por Conceição Evaristo, a partir de quem estuda a temática da memória, das relações entre memória, literatura e circulação de informação do pensamento de intelectuais negras.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo; *Becos da Memória*; literatura; memória; mulheres negras.

## Literature and circulation of information about black women in *Becos da Memória*, by Conceição Evaristo

## Abstract:

The purpose of this article is to make some considerations about the memory of black women present in *Becos da Memória*, the first book written by Conceição Evaristo, from the perspective of the studies of the theme of memory, the relationship between memory, literature and circulation of information about thought of black intellectuals.

**Keywords:** Conceição Evaristo; *Becos da Memória*; literature; memory; black women.

---

\* Doutora em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Professora da Pós-Graduação em Estratégias de Comunicação Digital da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo-SP, Brasil. Autora, dentre outros, de *Continuo Preta: a vida de Sueli Carneiro* (São Paulo: Companhia das Letras, 2021); *Quando me descobri negra* (São Paulo: Sesi, 2015); e *Vozes Insurgentes de Mulheres Negras* (Belo Horizonte: Mazza, 2019), com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo. End. eletrônico: biancasantana@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0624-552X>

<sup>1</sup> Este artigo foi escrito em 2019 para outro projeto editorial que, infelizmente, não foi concretizado. A convite da organizadora daquele e deste dossiê, a autora aceitou submetê-lo à revista *Lutas Sociais*.

## Introdução

Uma das inúmeras possibilidades da literatura é a de construir memória. Construir, porque memória é construção social. “A elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar” (Meneses, 1992, p. 10). Falar em resgate de memória, portanto, não faria sentido.

E na literatura se constroi memória de muitas formas, assim como pela literatura é possível se situar em um sistema de informação. “(...) não só informações sobre o mundo ao qual a obra literária se refere, mas também sobre o próprio universo literário no qual ela se inscreve; seu pertencimento a um gênero e/ou escola, sua relação com outras obras, sua apreciação crítica, sua influência.” (Almeida, 2012, p. 92).

Além de lembranças narradas por autoras ou autores, o próprio universo literário em que uma obra está circunscrita e as leituras que ela permite em diferentes épocas é insumo para a memória. Em outro sentido, quando se denuncia a precariedade de registros históricos e de narrativas de grupos subalternos na contemporaneidade, a literatura tem permitido criar memórias destes grupos. Como afirmou Grada Kilomba (2008), em diálogo com bell hooks: as práticas literárias e artísticas são possibilidades de interromper e transformar a história, quando mulheres negras podem narrar como sujeito, não perpetuando-se objeto.

Em *Becos da Memória*, Conceição Evaristo narra o cotidiano da favela a partir do ponto de vista de quem ali vive. É Ditinha-sujeito não a “falsa empregada doméstica” ou a ex-presidiária. São sujeitos singulares e complexos que não encarnam os estereótipos que costumam ser a eles atribuídos.

Dar corpo à memória dos moradores da favela, caminhando em sentido contrário aos dos estereótipos que se colocam à pele dos subalternos em nossa sociedade é, portanto, uma estratégia de grande impacto político e cultural, já que permite ao leitor brasileiro, desamparado de uma tradição de representação das diferenças sociais e raciais em nossa cultura, entender melhor, como sugere Regina Dalcastagne, ‘o que é ser negro no Brasil’, e o que ‘significa ser branco em uma sociedade racista’ (Schmidt, 2016, p. 102).

A proposta deste artigo é tecer algumas considerações sobre a memória das mulheres negras presente no primeiro livro escrito por Conceição Evaristo, a partir de quem pensa a temática da memória (Bosi, 2003; Gagnebin, 2006; Meneses, 1992), das relações entre memória, literatura e circulação de informação (Crippa, 2012), do pensamento de intelectuais negras (Carneiro, 2011; Gonzalez, 2008; Ribeiro, 2008, 1995; Werneck, 2008).

*Becos da Memória* é o primeiro romance de Conceição Evaristo, escrito no final dos anos 1980, publicado pela primeira vez em 2006. O texto remete à oralidade, como se leitoras e leitores pudessem percorrer os becos da favela enquanto ouvem as histórias de Vó Rita, A Outra, Maria-Nova, Maria-Velha, Cidinha-Cidoca, Ditinha, Nega Tuína, Filó Gazogênia e tantos personagens masculinos. A cada trecho, um beco. No conjunto, os labirintos da favela que também se configuram como os labirintos da memória-inspiração de Conceição-menina, que viveu ela mesma em uma favela na região central de Belo Horizonte, e o processo da invasão da favela para o desalojamento de inúmeras famílias, em nome do mercado imobiliário.

É o passado narrado a serviço do presente, quando os processos de gentrificação seguem pelos grandes centros urbanos, perpetuando o déficit habitacional entre pessoas pobres e negras. O passado a serviço do presente, quando mulheres negras exigem conhecer sua história contada também por mulheres negras, quando a expressão lugar de fala ganha corpo e importância. Quando há demanda por informação produzida por mulheres negras, que circule por um grande público, especialmente entre mulheres negras.

Nas palavras de Aline Deyques Vieira, autora do artigo “Memória coletiva e a questão do trauma em *Becos da Memória*”:

Enfim, buscando superar e abordar os traumas de uma memória coletiva, de um lugar, é que encontramos na obra *Becos da Memória* uma amostragem do que temos como uma literatura voltada para expor a opressão vivida por pessoas que nunca tiveram suas histórias em livros didáticos nem relatadas por aqueles que exercem todo um poder simbólico opressor. A questão da escrita proposta por Maria-Nova, ao invés de apagar tal formulação de realidade, seria feita para uma rememoração do trauma proporcionado pelo ambiente no qual vivia. Esta escrita traria, desta forma, um não esquecimento, Maria Nova, através da repetição e apresentação das histórias contadas e vividas queria mantê-las vivas para que as mesmas não acontecessem com outras pessoas no futuro (Vieira, 2016, p. 129-130).

Além de informações sobre o cotidiano na favela, a obra apresenta, a partir do relato de personagens mais velhas, informações sobre a escravidão, em detalhes sobre as senzalas, o enfrentamento à Casa Grande, as infâncias nas fazendas e plantações. Os becos da favela remetem aos becos das senzalas, pela perpetuação da desigualdade, da violência, da miséria, mas também pela subjetividade dos sujeitos, o que sentem, desejam e como resistem ao poder dominante. Simone Schmidt, estudiosa da obra de Conceição, analisa, no texto “Nos becos da memória, a força da narrativa”:

Atando as duas pontas deste fio de memória de uma herança tão silenciada quando irresolvida em nossa história, a literatura que se presentifica esta perturbadora relação, senzala e favela (.....) No corpo das mulheres negras, cujas histórias se destacam na profusão de narrativas que compõem o romance, se atualiza esta ligação entre o passado colonial e o presente povoado de heranças coloniais por resolver (Schmidt, 2016, p. 103).

*Becos da Memória* se insere em um cenário mais abrangente de produção literária de pessoas subalternas, a partir das vivências em um dado território. A obra em si mesma permite acessar a memória coletiva, assim como faz parte de um conjunto de obras que também criam o corpus desta memória social e coletiva (Vieira, 2016, p. 124). “Digamos que é na década de 60 que começa, assim como no mundo, a despontar a literatura feita por pessoas vindas de segmentos marginalizados. Como um dos marcos no Brasil, temos o romance *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, de 1960 (Vieira, 2016, p. 124-125). Apesar de *Becos da Memória* ter sido escrito no final da década de 1980, no prefácio da segunda edição da obra, Conceição Evaristo aponta sua origem ainda no final dos anos 1960: “Arrisco-me a dizer, também, que a origem da narrativa de *Becos da Memória* poderia estar localizada em uma espécie de crônica, que escrevi ainda em 1968. Naquele texto podia ser apreendida a tentativa de descrição da ambiência da favela. Nomeei o pequeno escrito com o título de Samba-favela” (Evaristo, 2013, p. 11-12).

Conceição Evaristo, além de *Becos da Memória*, publicou o romance *Ponciá Vicêncio* (2003), a coletânea *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008) e os livros de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2014a), além de ter textos publicados em diversas antologias no Brasil e no exterior. A escritora nasceu na capital de Minas Gerais, em 1946, em uma família de nove irmãos cuidados pela mãe. Conceição foi empregada doméstica até concluir o curso normal nos anos de 1970, quando prestou um concurso e foi para o Rio de Janeiro, onde vive até hoje, trabalhar como professora. Estudou Letras na UFRJ, mestrado em Literatura Brasileira na PUC-Rio e doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. Paralelamente à trajetória de pesquisadora, construiu sua carreira de escritora e tem ganhado cada vez mais projeção por sua reconhecida importância na literatura. Ao falar de sua trajetória, Conceição sempre reafirma a necessidade de se tomar cuidado para que sua história não seja interpretada de forma equivocada. Ser um ponto fora da curva não pode, segundo a autora, ser argumento para a falácia do discurso meritocrático, como se pelo esforço ela tivesse chegado aonde todas e todos podem chegar; mas uma denúncia do racismo e da desigualdade brasileira, por que há tão poucas histórias como a dela?

## Mulheres negras

A história das mulheres negras no Brasil, assim como em toda a América Latina e o Caribe, está marcada pelo tráfico de africanos dos séculos 16 a 19 e a escravidão que, no Brasil, durou quase 400 anos. Além da brutal violência, o contexto da escravidão foi marcado por resistência e luta, fosse nos quilombos, na religiosidade ou nas ações cotidianas de sabotagem e recusa (Werneck, 2008).

“No período pós-abolição, coube à mulher negra arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade. Foi o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Isto significou que seu trabalho físico foi decuplicado, uma vez que era obrigada a se dividir entre o trabalho duro na casa da patroa e as suas obrigações familiares”, escreveu Lélia González (1979, s/p). “Antes de ir para o trabalho, havia que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimento para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas das filhas mais velhas no cuidado dos mais novos. Acordar às 3 ou 4 horas da madrugada, para ‘adiantar os serviços caseiros’ e estar às 7 ou 8 horas na casa da patroa até à noite, após ter servido o jantar e deixado tudo limpo. Nos dias atuais, a situação não é muito diferente para ela.” (1979, s/p.).

Trinta e um anos depois da publicação do texto de Lélia González, em 2008, a cada 100 mulheres negras trabalhadoras no Brasil, 22 eram empregadas domésticas; dez anos antes, eram 48 (Ipea, 2011). Até 2013, as empregadas domésticas não tinham os mesmos direitos trabalhistas de outros profissionais. Graças à luta organizada das trabalhadoras, em um contexto de interlocução do governo federal com os movimentos sociais, foram garantidas, ao menos no papel, 44 horas de trabalho semanal, pagamento de hora extra, adicional noturno e seguro-desemprego (Câmara dos Deputados, 2013).

O processo de exclusão da mulher negra no Brasil, segundo Lélia González, esteve marcado especialmente pelos dois papéis sociais que nos foram atribuídos: domésticas ou mulatas. Domésticas, pela percepção social de que o lugar natural da mulher negra é o de servir, seja como empregada doméstica, faxineira, merendeira. E mulata, pela percepção que coloca a mulher negra na condição de mercadoria a ser consumida sexualmente por homens brancos (González, 1979).

Nos anos 1970, durante a ditadura militar, os movimentos feminista e negros se fortalecem no Brasil na luta por democracia, conquista de cidadania e extinção das desigualdades sociais. Mas, em ambos os grupos as mulheres negras aparecem, nos temos de Matilde Ribeiro, como sujeitos implícitos. “(...) partiu-se de uma suposta igualdade entre as mulheres, assim como não foi considerado entre os negros as diferenças entre homens e mulheres” (Ribeiro, 1995, p. 446).

Apesar da ideia de “diferentes, mas não desiguais”, a diversidade de sujeitos no interior dos movimentos não foi considerada. As questões específicas das

mulheres negras, portanto, foram muitas vezes negligenciadas pelos movimentos negro e feminista. As mulheres negras têm, desde então, elaborado crítica sistemática a estes movimentos (Ribeiro, 1995).

Autoras como Sueli Carneiro falam sobre a necessidade de enegrecer o feminismo, outras mais jovens, como Djamila Ribeiro, especialmente em diálogo com as norte-americanas Angela Davis, Audre Lorde e Patricia Hill Collins apontam o feminismo negro como uma vertente. Fato é que a luta das mulheres negras tem influenciado decisivamente na estruturação de políticas públicas. Até mesmo a produção do *Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*, publicado pelo Ipea em 2013, é uma conquista do movimento de mulheres negras em interlocução com o governo da presidenta eleita Dilma Rousseff.

Das inúmeras especificidades apresentadas e analisadas no dossiê, destaca-se a desigualdade de renda entre as mulheres. O dossiê aponta que as piores condições de renda são as das famílias chefiadas por mulheres negras: “69% possuíam, em 2009, renda familiar de até um salário mínimo; valor que, entre as brancas, era de 42,7%.” (Ipea, 2013, p. 30). Outro estudo que viabilizou a desigualdade entre as mulheres foi o Mapa da Violência 2015, que apontou um aumento de 54% no número de homicídios de mulheres negras entre 2003 e 2013, com uma queda de 9,8% de homicídios de mulheres brancas no mesmo período (Waiselfisz, 2015).

Então, se as desigualdades sociais estão constituídas, historicamente, a partir de hierarquias nas relações de gênero, raça e classe, é importante ressaltar como tais opressões se interseccionam na vida das pessoas. Mulheres negras estão expostas ao machismo e ao racismo, e às mulheres negras pobres pesa também a desigualdade de classe, estão na base da pirâmide social. A essa concepção teórica, desde o final dos anos de 1980, chama-se *interseccionalidade*.

Nas palavras de Kimberlé Crenshaw, que sintetizou o termo, a partir da construção de diversas pensadoras: “A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (Crenshaw, 2002, p. 177).

### **Memória coletiva: suportes, elaboração e identidade**

A linguagem, o corpo, as cerimônias, os objetos materiais são suportes para a memória. Dentre elas, a linguagem foi a que recebeu maior atenção de pesquisadores, especialmente no que concerne à narrativa e à passagem do registro oral para o escrito (Meneses, 1992).

Apesar de a oralidade ter sido negligenciada até os anos 1970, Ecléa Bosi afirma que a tradição oral está novamente valorizada. “Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra” (Bosi, 2003). Apesar da importância de os silenciados recuperarem suas vozes, Meneses (1992) chama a atenção para a necessidade de compreender as significações dos silêncios e do esquecimento. Como exemplo, cita a historiadora Michelle Perrot, que mostrou como foram mantidas determinadas configurações de direito e obrigações na vida das mulheres, operando por esquecimento, pela falta do registro das memórias das mulheres.

De todo modo, esta narrativa oral, afirmam Bosi (2003) e Meneses (1992) é objeto da História. “Mais do que documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida cotidiana. Colhe pontos de vista diversos, às vezes opostos, é uma recomposição constante de dados” (Bosi, 2003, p. 20).

Esta memória, que não busca coerência ou unificação, da ordem da vivência, do mito, Meneses (1992) chama memória coletiva. “É um sistema organizado de lembranças cujo suporte são grupos sociais espacial e temporalmente situados (...). Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momentos de crise e pressão. Não é espontânea: para manter-se viva precisa permanentemente ser reavivada”.

Jeanne Marie Gagnebin articula escritos de diversos autores ao afirmar como a memória coletiva pode contribuir com as questões do presente. “(...) Nietzsche, Freud, Adorno e Ricoeur, cada um no seu contexto específico, defendem um lembrar ativo: um trabalho de **elaboração** e de luto em relação ao passado, realizado por meio de um esforço de compreensão e de **iluminação**<sup>2</sup> [*do alemão Aufklärung*] — do passado e, também, do presente. Um trabalho que, certamente, lembra dos mortos, por piedade e fidelidade, mas também por amor e atenção aos vivos” (Gagnebin, 2002, p. 105).

Neste trabalho, interessam especialmente os processos coletivos de **elaboração** do passado — como políticas de anistia, de instauração de comissões de pesquisa ou de investigação sobre os acontecimentos passados. Gagnebin traz a leitura que Paul Ricoeur faz das propostas terapêuticas de Freud: “O contexto freudiano é clínico; são observações ligadas a técnicas terapêuticas a partir das observações práticas. Mas preciosas observações foram, diversas vezes, usadas para pensar também por analogia, processos coletivos: de memória, de esquecimento, de repetição (...); processos, igualmente, de não-elaboração, de recusa ou de recalque

---

<sup>2</sup> Tomo a liberdade de alterar a tradução de *Aufklärung* para iluminação, com o objetivo de evitar possíveis interpretações racistas da palavra esclarecimento.

coletivo: ‘repetições’, de negações e volta(s) violenta(s) do recalcado.” (Gagnebin , 2002, p. 103-104).

Do ponto de vista individual, a memória também apresenta uma tentativa de elaboração simbólica de trauma. Gagnebin traz o exemplo daqueles que sobreviveram ao holocausto. “Os sobreviventes, aqueles que ficaram e não se afogaram definitivamente, não conseguiram esquecer-se nem que o desejassem. É próprio da experiência traumática essa impossibilidade de esquecimento, essa insistência na repetição. Assim, seu primeiro esforço consistia em tentar dizer o indizível, numa tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhes permitisse continuar a viver e, simultaneamente, numa atitude de testemunha de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade.”

A autora aponta que há limites na recomendação clínica de Freud nos processos de memória coletiva, sobretudo porque é difícil não ver no racismo, no fascismo ou na tortura, algo de vergonhoso e desprezível. “Mas o que é instigante aqui é o apelo, tipicamente iluminista, de Freud para criar coragem de enfrentar a doença, o passado, para esclarecê-los; para, afinal, compreendê-los, mesmo que tal compreensão não passe por uma cadeia de argumentos lógicos e deduções meramente racionais”.

Esta relação entre elaboração individual e os processos de memória coletiva permite estabelecer um diálogo com Stuart Hall (1997) no questionamento feito pelo autor à separação entre as disciplinas de sociologia e psicologia. “A ênfase na linguagem e no significado tem tido o efeito de tornar indistinta, senão de dissolver, a fronteira entre as duas esferas, do social e do psíquico.” Para o autor, a cultura é central na constituição da subjetividade de uma pessoa como ator social e de sua própria identidade. Cultura, no sentido também proposto por Garcia Canclini: o conjunto dos processos sociais de significação. “A cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social.” (Canclini, 2007, p. 41).

Assim, as identidades, para Hall, são formadas culturalmente. “Isso, de todo modo, é o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas” (Hall, 1997). Nossas subjetividades são produzidas culturalmente, de modo discursivo, também pela memória coletiva do grupo com o qual dialogamos e nos identificamos. A identidade de mulher negra está, portanto, relacionada à memória coletiva.

Como afirma Giulia Crippa, a dimensão da memória se desenvolve pela dialética do dizer ao outro, e de se escutar o outro. “Com efeito, a memória torna-se prática social, que interessa à coletividade, quando passa a ser considerada essencialmente como ato narrativo” (Crippa, 2012, p. 59).

Na busca das formas em que se elaboram os dizeres e seus relatos, a memória individual é criada enquanto compartilhada com os outros. Na seleção das palavras e de sua ordem, nos dizeres utilizados pelas narrativas da memória emerge a complexidade das relações entre o indivíduo e o mundo. O compartilhamento das memórias não é, assim, o conjunto de lembranças em comum, mas, sim, a construção da linguagem por meio da qual elas podem ser transmitidas (Crippa, 2012, p. 59).

### **Memórias das mulheres negras**

A ausência de informações sobre as mulheres negras na historiografia oficial tem sido denunciadas pelos movimentos sociais e inúmeras pesquisadoras. “Constatamos que a ausência de registros sobre a participação das afro-descendentes na formação e no desenvolvimento do Brasil é gritante. Com exceção dos escritos sobre o sistema escravocrata e, por vezes, uma ou outra alusão ao mito Chica da Silva, não se encontraram muitas outras referências e informações sobre as mulheres negras em nossos museus, currículos escolares, livros didáticos e/ou narrativas oficiais” (Schumacher, 2000, p. 10 *apud* Ribeiro, 2008, p. 991). Apesar de avanços, como a Lei 10.639, que estabelece a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” na educação nacional, e mobilizou a publicação de textos didáticos e literários, os silêncios sobre as mulheres negras prevalecem.

Estes silêncios são desafiados pela memória das mulheres negras que segue viva na oralidade, no corpo e nos discursos das ialodês, estejam elas em organizações comunitárias, nas religiões de matriz afro-brasileira, no movimento social ou na academia. Como apontado por Meneses (1992), a memória coletiva produzida por essas mulheres é da ordem da vivência e é permanentemente reavivada por elas. A coesão e a solidariedade entre mulheres negras é garantida também por esta memória partilhada. Assim como é neste modo discursivo e dialógico da cultura que a identidade de mulher negra é construída (Hall, 1997).

Como aponta Jurema Werneck, foram muitas as matrizes culturais africanas que chegaram ao Brasil. “Muitos de seus traços, misturados ao longo da travessia do oceano; pela ação deliberada do colonizador, no intuito de dificultar articulações para a resistência baseadas na etnicidade; bem como pela convivência cotidiana entre os diferentes grupos étnicos nas ruas e nas senzalas, embaçaram as marcas que possibilitariam a viagem de volta às origens” (Werneck, 2008). Trata-se portanto de uma memória que não encontra raízes em um território ou um tempo determinado, mas em uma África mítica, que é real, como são sempre míticas as memórias coletivas.

O canto coletivo entrelaçou, nos navios negreiros e senzalas, variadas melodias, no encontro de indivíduos de povos diferentes. Uma cultura que já era

intercultural, com o perdão da abordagem extemporânea. “De um mundo multicultural — justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação — passamos a outro, intercultural e globalizado. Sob concepções multiculturais, admite-se a diversidade de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito que frequentemente reforçam a segregação. Em contrapartida, a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas” (Canclini, 2007).

As relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos, características da interculturalidade, estavam dadas entre indivíduos de etnias e culturas diversas, que, ao entoar o mesmo canto coletivo, permite transcender. “Brasil — a nova terra — não é projeto próprio. Mas as raízes não conseguem ser removidas, pois as verdades espirituais e culturais ancoram-se no corpo.” (Carneiro, 2006, p. 26).

O corpo, que Meneses aponta como um suporte da memória, é também valorizado por Fernanda Carneiro (2006, p. 24) na compreensão da cultura de mulheres negras. “A observação antropológica demonstra, com exemplos inumeráveis, sobre a associação de procedimentos corporais, os mais variados, tais como as danças, os cânticos, os passes, exageros dramáticos, ritos de cura, cerimônias de iniciação, que, do ponto de vista de uma pessoa, representam caminhos e modos culturais para o conhecimento do corpo, fortalecimento de sua personalidade e disposição para a vida” (2006, p. 24).

A religião é, portanto, *locus* privilegiado da expressão corporal de mulheres negras. Na leitura da autora, fonte de aprendizado, apoio e sustento da existência na diáspora. “A expressão estética ancestral se manifesta nos cultos e nos modos de viver, dançar, brincar, procriar, adoecer e buscar a cura. E o sentir-se feliz em sua existência, comunica a ética negra.” (Carneiro, 2006, p. 24).

Na desumana travessia do Atlântico, a brutal violência da escravidão e as inúmeras dificuldades impostas pelos racismo institucional e a discriminação da pós-abolição, que se mantém ainda hoje, as mulheres negras trançam seus cabelos, cantam, dançam, adornam seus corpos, contam histórias, fazem roupas de boneca. A afirmação e recriação de costumes e hábitos de diversas etnias, portanto, inscreveram no cotidiano das mulheres negras brasileiras condutas específicas. Nas palavras de Fernanda Carneiro: “condutas, com conteúdos e táticas de uma liberdade vivida sob tensão e funcionam como memória coletiva, inscrevendo na cultura e no cotidiano uma crônica alternativa de vida” (Carneiro, 2006, p. 23).

O passado, então, orienta a construção de uma memória que é do presente, a serviço do presente. “As contadeiras de histórias, as pretas velhas, as cantigas e as palmas, tudo são ensinamentos e valores de uma tradição corporal que dão sustento, estruturam personalidades e transmitem uma pedagogia.” (Carneiro, 2006, p. 23).

Cabe supor que a experiência corporal das mulheres negras, como memória coletiva, é também um processo de elaboração do passado e do trauma (Gagnebin,

2006) da escravidão, do racismo e da discriminação. “A expressão corporal negra retoma o devir das particularidades e garante uma continuidade e permanência étnica que não se justifica por leis naturais” (Carneiro, 2006, p. 24).

*Becos da Memória* é um registro da memória coletiva de mulheres negras, uma obra que circula informações sobre mulheres negras. No posfácio da segunda edição do livro, Maria Nazareth Soares Fonseca, estudiosa da obra de Conceição, tece uma colcha sobre a importância da obra:

As memórias subterrâneas, ao emergirem em espaços delineados pelo poder da escrita, rasuram a cena dos grandes feitos e permitem a composição de outras histórias nascidas, como acentua Pollak, da experiência da periferia e da marginalidade. O movimento que caracteriza o afloramento das memórias confinadas ao silêncio institui a escuta das vozes que emanam do corpo dos espoliados, dos indivíduos acossados pela dor da pobreza extrema (Fonseca, 2013, p. 158).

A história das mulheres negras está marcada pela resistência ao tráfico de africanos, à escravidão, ao racismo e à discriminação. Tal resistência foi possível, também, pelas práticas de construção e reconstrução de uma memória coletiva que teve a oralidade e o corpo como suportes. Obras como *Becos da Memória* registram tais memórias, possibilitando sua circulação como informações de mulheres negras.

Conceição Evaristo, ao assumir o papel de narrar, expressa vozes excluídas. Por suas próprias dores, tira do esquecimento histórias de vida que não costumam ser narradas. “A escrita dá contornos mais humanos a esse lugar e a narrativa, feita de pedaços de vidas mal vividas, desprovidas de quaisquer bens e expulsas pelos tratores poderosos, expõe memórias do cotidiano de pessoas comuns. O espaço reconstruído pela narrativa destaca, sobretudo, o sofrimento, porque esse é o estigma da vida dos moradores da favela” (Fonseca, 2013, p. 64).

Mas esta memória não é composta somente de dores. Está narrada na obra a resistência das mulheres negras e sua grande capacidade, em um cenário tão restritivo, de se constituírem como sujeitos e produzirem informações e conhecimento. A projeção pública que ganham escritoras como Conceição vai criando no imaginário coletivo um repertório de que mulheres negras são também escritoras, narradoras, produtoras de informação e de memória. Uma memória coletiva que não é só de mulheres negras. Mas que precisa ser narrada também por mulheres negras.

## Referências

- ALMEIDA, Marco Antônio de. Literatura, informação, conhecimento e ciência: considerações a partir da literatura policial. In: ALMEIDA, Marco Antônio de (org). *Ciência da informação e literatura*. Campinas: Editora Alínea, 2012.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007.
- CARNEIRO, Fernanda. Nossos passos vêm de longe... In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Máisa; WHITE, Evelyn (orgs.). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- \_\_\_\_\_. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- CRIPPA, Giulia. Tecendo tramas literárias para uma narrativa da memória. In: ALMEIDA, Marco Antônio de (org). *Ciência da informação e literatura*. Campinas, Editora Alínea, 2012.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Histórias de leves enganos e pareências*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2014a.
- \_\_\_\_\_. *Becos da memória*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Nandyala, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Nandyala, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Posfácio: costurando uma colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

- GAGNEBIN, Jeanne Marie. O que significa elaborar o passado? In: *Lembrar, esquecer, escrever*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Guerreiras da natureza*: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- \_\_\_\_\_. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. Comunicação apresentada no 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association, Pittsburgh, 05-07 abr. 1979. Disponível em: <[https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/cultura\\_etnicidad\\_e\\_e\\_trabalho.pdf](https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/cultura_etnicidad_e_e_trabalho.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2018.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.
- IPEA. *Dossiê Mulheres Negras*: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil, Brasília, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Retrato das Desigualdades Gênero e Raça*. Brasília, 2011.
- KILOMBA, Grada. *Plantation memories: episodes of everyday racism*. Münster: Unrest, 2008.
- MENESES, Ulbiano Bezerra de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. *Revista Instituto Estudos Brasileiros*. São Paulo, v. 34, p. 9-24, 1992.
- CÂMARA dos Deputados. Retrospectiva 2013: direitos iguais para empregados domésticos e demais trabalhadores. Rádio Câmara, Brasília. 17 dez. 2013. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/radio/programas/423810-retrospectiva-2013-direitos-iguais-para-empregados-domesticos-e-demaais-trabalhadores/>>. Acesso em 21 nov. 2018.
- RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 987-1004, 2008.
- \_\_\_\_\_. Mulheres Negras Brasileiras: de Bertioga a Beijing. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 446-457, 1995.
- SCHMIDT, Simone Pereira. Nos becos da memória, a força da narrativa. In: DUARTE, Constância; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (org). *Escrevivências*: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Idea, 2016.

VIEIRA, Aline Deyques. Memória Coletiva e a questão do trauma em “Becos da Memória”. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Org.). *Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea Editora, 2016.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília, 2015.

WERNECK, Jurema. De Ialodês e feministas: reflexões sobre a ação política das mulheres negras na América Latina e Caribe. *Blog Mulheres Rebeldes*, 2008. Disponível em: <http://mulheresrebeldes.blogspot.com/2008/10/de-ialods-e-feministas.html>.